



Intersindical dos Eletricitários SC

19/07/90 N° 102

Pronta pauta da Celesc

Itajaí, 9 horas, dia 14 de julho. Cerca de 100 celesquianos no salão do colégio Salesiano reunidos para fechar a pauta de reivindicações da Campanha Salarial de 1990. "As representações vieram de todos os pontos do Estado, e este é um lado extremamente positivo", afirma Isaltino Pedron, presidente do Sindicato dos Eletricitários do Vale do Itajaí e coordenador da Plenária de Base. Daí para a frente seria a discussão das cláusulas em torno das quais os empregados da Celesc devem se mobilizar.

Entre as principais cláusulas da pauta de reivindicação estão a Garantia no Emprego, a mudança de data-base e o não desconto do imposto sindical. Além destas cláusulas consideradas "fundamentais" pela Intersindical, há ainda a renovação do acordo relativo aos turnos de revezamento, definindo as formas de escala de trabalho, horas-extras, entre outras questões. Para o pessoal que trabalha em turnos, há também a cláusula Adicional de Penosidade, que pleiteia um direito assegurado pela Constituição, ou seja, um adicional de 10% para quem trabalha em condições penosas.

A maioria das 35 cláusulas diz respeito a renovação de direitos. As principais novidades são o pedido de eleições diretas para todos os membros da CIPA — Comissão



Plenária de Itajaí teve bom número de participantes.

Interna de Prevenção de Acidentes e a ampliação dos direitos da cláusula Ausências Justificadas, buscando o direito ao acompanhamento de dependentes doentes de houver prescrição médica. Está na pauta, ainda, a reivindicação de que haja pelo menos um técnico de segurança no trabalho em cada área da empresa.

Entre as resoluções da Plenária está a

Isaltino Pedron

de que a Intersindical vai levar para a mesa de negociações com a Empresa um representante da Associação dos Aposentados, no sentido de reforçar as reivindicações que dizem respeito a esta faixa da categoria, especialmente a de Auxílio aos Aposentados.

"Já temos uma boa pauta, agora vamos ter que fazer um bom trabalho de mobilização. A negociação não vai ser fácil, especialmente pelas determinações da política econômica. Mas se houver mobilização a gente vai se sair muito bem como em maio. Aliás, a vitória de maio e os valores conquistados com a aplicação do Plano 2 não podem ser fator de desmobilização, pois se hoje parece que os salários deram uma pequena melhoria, em outubro a inflação já terá corroído o poder aquisitivo", alerta Isaltino.

Cláusulas econômicas: contra o arrocho

Na pauta de reivindicações da Celesc, são cinco os itens econômicos: a correção salarial, que em julho somava 86,10%, a produtividade de 10,2%, o piso salarial de Cr\$ 38,586,00, reajustes mensais de acordo com a inflação do próprio mês em que os salários são pagos e o abono.

Exatamente 7,59 salários de setembro. Este é o valor a quem tem direito de receber os empregados da Celesc de receberem outubro próximo, como abono. O cálculo, feito pela subseção do Dieese, demonstrou que dos 12 salários acordados na última data-base apenas 6,6 foram pagos efetivamente.

Para o economista da Subseção, Clóvis Scherer, o abono "impediria que a redução do salário real seja consolidada". Ele lembra que no ano passado, as discussões sobre o abono geraram na Eletrosul o pagamento da ACM — Antecipação Compensável Mensalmente.

Intersul devolve sua parte do imposto Sindical

A Intersul está devolvendo aos empregados da Eletrosul mais de 5 milhões e 126 mil cruzeiros relativos as partes dos sindicatos do Imposto Sindical. Na semana passada, por determinação do TST - Tribunal Superior do Trabalho, 60% do dia de trabalho descontado a título de Imposto Sindical foi depositado na conta do Sinergia. É a primeira resolução de um Tribunal

neste sentido em todo o país.

O Sinergia está providenciando o crédito do respectivo valor na conta de cada empregado, em todas as áreas de empresa conforme listagem fornecida pela Eletrosul. Em média, cada empregado deve receber cerca de mil cruzeiros. Até a semana que vem todos deverão ter recebido o valor.

A Intersul destaca que o importante

não é a devolução do dinheiro, mas, o que ela significa politicamente. Segundo os sindicatos, "é um passo importante para acabar definitivamente com tal imposto, e aí sindicato que precisar de dinheiro vai ter que recorrer diretamente a sua categoria, em assembleia, e para isso terá que ter representatividade".

ELETROSUL

Greve poderá ser deflagrada dia 31

Mais uma vez o governo desrespeitou os empregados da Eletrosul e do setor elétrico, descumprindo um acordo. "Considerando o projeto de lei aprovado esta semana pelo Congresso Nacional bem como anunciadas possibilidades de alteração na medida provisória 193, entendemos impossível manter a reunião prevista para o dia 18 entre o Fórum Nacional das Empresas de Energia Elétrica e o Comando Nacional dos Eletricitários", disse o telex assinado pelo diretor de desenvolvimento gerencial e administração da Eletrobrás, Juarez Farias.

Assim, a negociação das perdas salariais dos eletricitários ficou adiada não se sabe para quando. "É o desrespeito mais flagrante, uma irresponsabilidade tratar desta forma uma categoria que a menos de um mês realizou uma greve que fez balançar o sistema Elétrico do país", exclamou Delman Ferreira, do Comando Nacional dos eletricitários.

A reunião do comando nacional, que estava prevista para o dia 17, foi mantida e após uma avaliação do quadro de mobilização em todo o país foi elaborado um calendário de mobilizações com vistas a retomada da greve nacional da categoria.

Pelo calendário aprovado na reunião, a greve deve ser retomada no dia 31 de julho. Até o dia 24 deverão ocorrer reuniões nos locais de trabalho e assembleias para discutir a situação e mobilizar a cais reuniões será avaliado em uma nova reunião do Comando Nacional, no dia 30, finalmente, deverão ocorrer as assembleias para votar a greve nacional do setor elétrico.

"Parece que o governo Collor não sabe que há uma enorme perda salarial, e que os eletricitários estão com as suas condições de vida seriamente comprometidas", diz Mauro Passos, coordenador da Intersul que participou da reunião do comando. Há um clima favorável a deflagração de uma greve nacional, com todos entrando juntos no movimento, garante Mauro, baseado nas avaliações levadas a reunião.

Para a Intersul, a ruptura de mais um acordo é coerente com a política de arrocho salarial e sucateamento das empresas estatais. Os sindicatos avaliam que é insuportável a manutenção do atual nível salarial, com uma perda que supera os 215,52%.

PERDA SALARIAL

Mais de 1 bi em salário sonegado

A Eletrosul deixou de pagar 1 bilhão, 368 milhões, 455 mil e 797 cruzeiros em salários desde a última data-base devido ao Plano Collor. Esta estimativa foi levantada com valores de junho pela Subseção do DIEESE dos Eletricitários de SC.

O cálculo se baseia no fato de que a folha de pagamentos contratada é 6 bi, 509 milhões, 94 mil e 700 cruzeiros e que com o advento do Plano apenas 3 bi, 933 milhões e 364 mil cruzeiros foram pagos.

Houve uma enorme redução da massa salarial, um arrocho explícito de cerca de 5,32 folhas de pagamento do último mês. Isso quer dizer que cada empregado da Eletrosul deveria receber 5,32 salários só para repor as perdas do Plano Collor.

Estes são os números absolutos da perda salarial dos últimos oito meses. Ou seja, somente com o pagamento dos 5,32 salários para cada empregado, será possível recuperar a qualidade de vida do passado.

TELEFÔNICOS

Telesc em greve por reposição

Quando, em abril, o reajuste necessário da categoria atingiu 166%, o Sintel — Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadores de Mesas Telefônicas em Santa Catarina iniciou as negociações com a Telebrás. Depois houveram mais duas reuniões estereis que levaram os trabalhadores entrarem em greve no dia 16 por tempo indeterminado.

A reivindicação é uma só — a reposição dos mesmos 166%. A adesão em todo Estado supera os 90%, com exceção de quatro municípios: Mafra, Canelinhas, São Bento do Sul e Balneário Camboriú. Em Florianópolis, onde estão centralizados todos os serviços de

informação da Telesc, apenas 50 telefonistas estão trabalhando. Normalmente 33 mil ligações eram atendidas por dia. Ainda nesse esforço pela manutenção dos Serviços Essenciais, os empregados estão priorizando a manutenção das linhas telefônicas de Maternidades, Hospitais, Bombeiros, Rádio-Taxi, Postos de Saúde e Cedec — Centro de Defesa Civil.

No resto do país: São Paulo, Piauí, Mato Grosso do Sul e Paraná já estão em greve. Amazonas fez assembleia no dia 16. Dia 17, os empregados da Telesc esperavam os resultados de uma reunião de conciliação no TRT — Tribunal Regional do Trabalho.

EDITORIAL

Governo já está fracassado

Já se pode afirmar com todas as letras: o plano Collor fracassou. As estimativas de inflação não batem com a "queda" anunciada insistentemente pela equipe governista. Porta-vozes da própria FIESP já dizem que temem uma provável combinação do retorno da alta inflação com a situação recessiva atual. Seria uma tragédia econômica de proporções incalculáveis.

A política de negar sistematicamente reajustes salariais através de pressões políticas ao próprio Congresso na verdade acaba pressionando a própria inflação. A corrosão do poder aquisitivo vai aumentando assim com a pressão social. Um descontrole que pode levar a um descontrole maior ainda. Bem ao estilo Sarney.

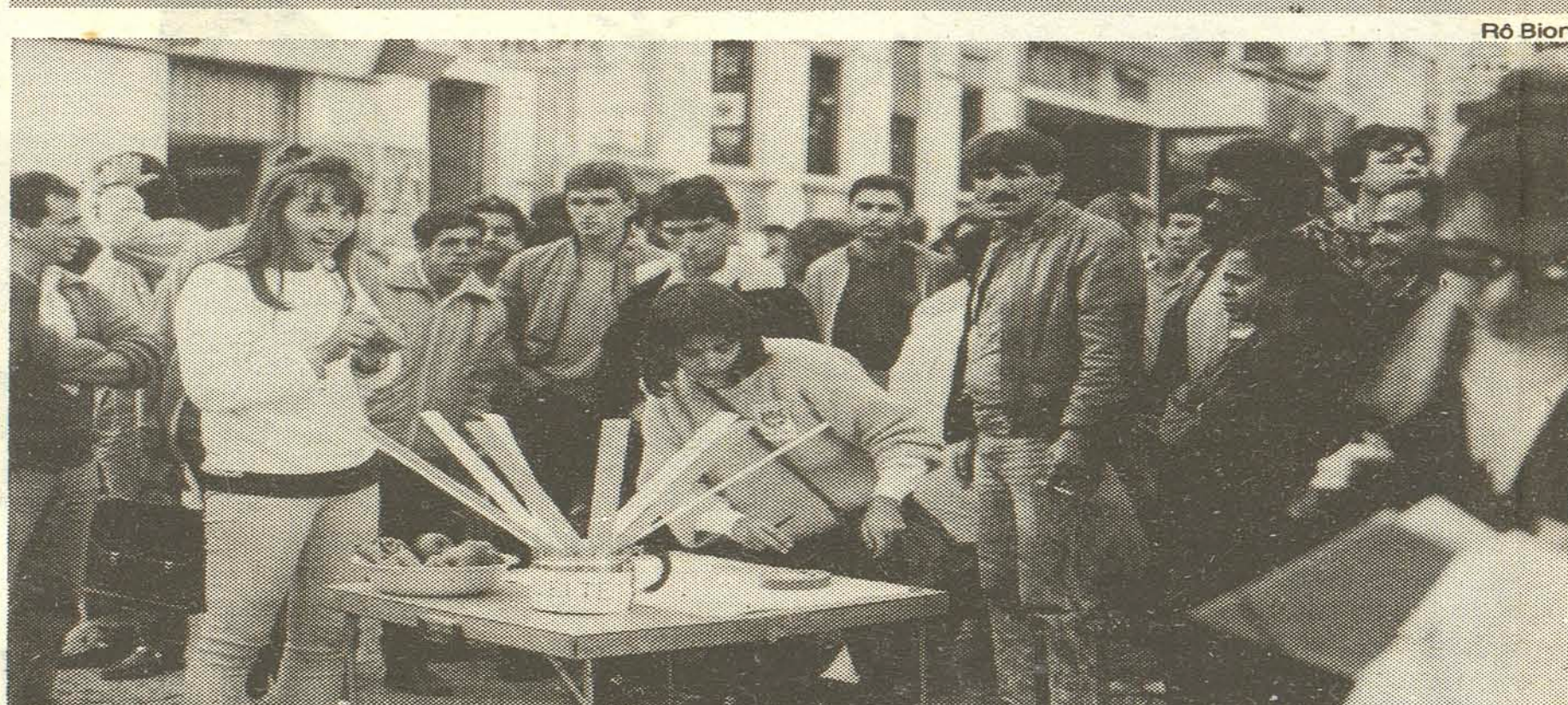
Trata-se de um Governo incapaz de administrar questões elementares, como as greves. A CSN — Companhia Siderúrgica Nacional está ocupada por grevistas, com sérios riscos de ser su-

cateada definitivamente. O Sistema Telebrás está praticamente todo em greve. Os eletricitários podem partir para uma segunda etapa da sua greve nacional. E por aí vai. E o Governo imóvel pela intransigência mesquinha e pela incapacidade política.

O quadro crítico do "Brasil Novo" é ilustrado ainda por uma série de escândalos envolvendo nomes bem próximos ao Presidente em negociatas que beneficiam, especialmente, empreiteiras. Como é o caso do SOS Estradas onde milhões de dólares podem ser liberados para empreiteiras sem que haja concorrência pública.

Já não há marketing que esconda a falência do Governo, suas ligações, sua prepotência, sua incapacidade, seus compromissos. Já não há como esconder que o discurso de Collor acabou na campanha eleitoral. E os descalamisados seguem no seu "devido lugar": na miséria.

PLANO COLLOR



Funcionários defendem os Serviços Públicos

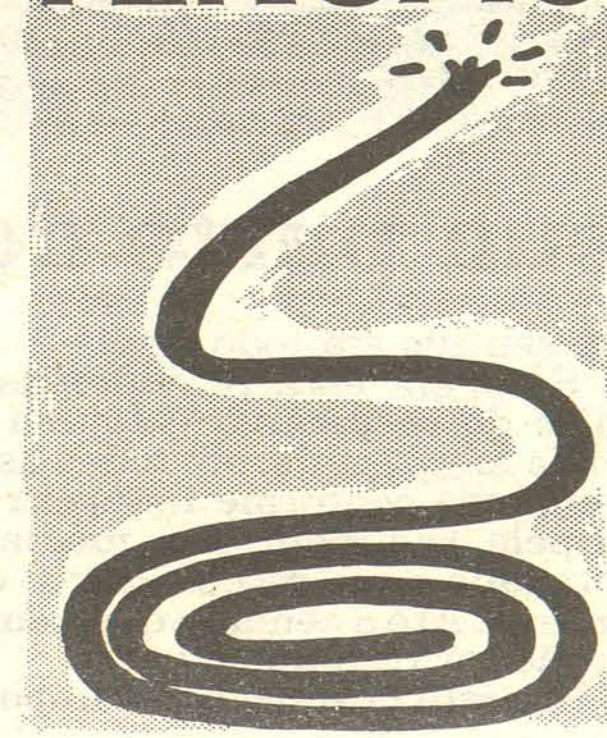
No Inkra — Instituto Nacional de Reforma Agrária, Ademair Moraes Filho trabalhou durante oito anos com a colonização e o assentamento de agricultores sem-terra de cinco áreas, no interior do Estado. Outros técnicos, como ele, e agrônomos resolviam diariamente problemas de urbanização e produção de 90 famílias. Antes do Inkra, Ademair já havia passado oito anos no Serpro — Serviço Federal de Processamento de Dados — e dois na Cobal — Companhia Brasileira de Alimentos. Em junho, seu salário líquido foi Cr\$ 17.067,40. Mesmo assim ele encontrou seu nome no Diário Oficial do dia 21, ao lado de outros 36 empregados do Inkra. Todos colocados à disposição.

Em Santa Catarina, mais onze órgãos colocaram empregados em disponibilidade. No Brasil são 3.500 empregados públicos sem trabalhar pela população. Collor preferia que eles também estivessem sem receber seus salários integralmente. Mas, o Supremo Tribunal Federal acatou a liminar encaminhada pelos Partidos de Oposição, com base no direito à irredutibilidade salarial, e não permitiu a redução de salários proporcional ao tempo de

serviço. Durante toda tarde do dia 11, o calçadão esteve tomado de servidores públicos — era o Dia Nacional de Luta da Categoria —. Lá pessoas como Ademair mostravam nos cartazes um pouco do seu serviço, distribuíam panfletos e recolhiam assinaturas em defesa do Servidor Público Federal. Havia até uma barraca da Sucan — Superintendência de Campanha, onde era possível conhecer as pessoas que fazem a vigilância e o controle de doenças endêmicas, como a malária, febre amarela, dengue, esquistossomose e outras. Em todo Estado eram apenas 356 agentes de saúde, mas, no dia 21, 52 foram colocados em disponibilidade.

Para Roberto Collaço, presidente do Sintrafesc — Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Federal do Estado — "ou a população assume a luta em defesa dos servidores, ou vai ter que pagar também pelos serviços públicos". Collaço conta, que os servidores colocados em disponibilidade tinham salários médios de Cr\$ 22 mil. "A maioria eram técnicos que atendiam a população e sindicalista, ou seja, ele quer desmantelar o Serviço Público e o Movimento Sindical".

ALTA TENSÃO



Uma ausência que não foi esquecida

Um leitor mais atento estará notando nesta edição do **Linha Viva** a ausência de uma matéria sobre a mais importante de todas as greves que agora acontecem no país: a greve dos empregados da CSN — Companhia Siderúrgica Nacional. Ela está sendo preparada com o material que a assessoria de imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos está enviando para a Sinergia, portanto, aguardem...

DIEESE divulga seus indicadores

O DIEESE divulgou os seus indicadores calculados entre 1º e 30 de junho. Os números revelam um aumento no custo de vida de 10,10% para a faixa de 1 a 3 salários mínimos, 10,26% para quem ganha até 5 salários mínimos e 10,56% para quem recebe até 30 salários mínimos. Foi calculado também a cesta básica de Florianópolis, avaliada em Cr\$ 4.131,59. Pelos mesmos

MENEGUELLI

Sindicato e política

Santa ingenuidade! diria Robin para Batmam ao saber que 42 milhões de trabalhadores no campo mandaram seus representantes a Brasília pedir reforma agrária a 559 deputados, a maioria ligados ou diretamente latifundiários. Lá não tinha um parlamentar com origem no meio rural. Esta situação ocorreu durante a elaboração da Constituição Federal de 1988 é um dos argumentos usados pelo presidente nacional da Central Única dos Trabalhadores, Jair Meneguelli, ao defender que o movimento sindical precisa discutir política.

Quando o CUT realiza seu congresso nacional em agosto do ano que vem, quando deverá perder seu primeiro presidente, Meneguelli fundou a CUT em 1983 e começou a se preparar para dedicar-se integralmente ao Partido dos Trabalhadores. Jair Meneguelli percorreu as principais estatais federais do Sul de Santa Catarina nos dias 12 e 13 de julho e quem participou das reuniões das empresas pôde ouvi-lo falar da importância das eleições, além das explicações sobre a política salarial, privatizações e outros assuntos trabalhistas. A relação entre partido e sindicato é polêmica para muitos sindicalistas mas não para o líder da principal organização de trabalhadores do Brasil. Ele já não dá ouvidos quando falam de uma suposta ligação entre CUT e PT e "só me abalaria se identificassem a CUT com o PDS". O que procura esclarecer é a independência que deve haver entre as duas instituições. "Mas algumas pessoas acham que ser independente significa não discutir política partidária", lamenta.



Roseméri Laurindo
Pela assessoria da CUT-SC

Ferramenteiro que saiu de trás da máquina direta para substituir Luís Inácio Lula da Silva na presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, em 1981, Meneguelli hoje sentenciava: o sindicato tem uma luta limitada. Na verdade ele lembra que esta compreensão existe desde a criação do partido que ajudou a fundar: "Compreendemos que não bastava reivindicar e que não poderíamos passar a vida inteira pedindo as coisas para alguém" con-

através de abaixo-assinado. Independente do mérito da questão da república soviética, é impressionante ver o número de pessoas que, desavisadas, acabam assinando o documento. Certamente tratam-se de pessoas que não sabem o que é a TFP, uma organização católica conservadora que segundo seus porta-vozes "cumpre o papel de alertar as instituições sobre os perigos do comunismo". O nome TFP é diretamente ligado ao recente passado de tortura no Brasil. Na sua última aparição na Ilha, a TFP falava contra a reforma agrária e alertava que a Constituição de 1988 (pasmem) era "comunizante". Um passado destes desautoriza a assinatura de qualquer papel que venha desta organização.

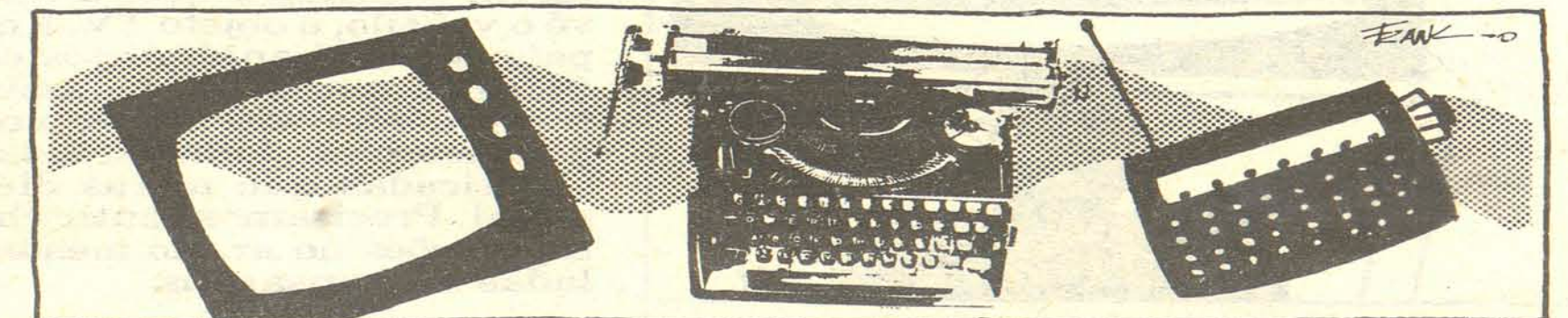
O CUT realiza nos dias 23, 24 e 25 de julho um Seminário Nacional de Comunicação. O evento será no Instituto Cajamar (SP) e vai reunir sindicalistas e profissionais de comunicação que atuam especificamente em sindicatos. No temário constam uma análise política dos sistemas de comunicação no Brasil, as experiências de comunicação sindical nas áreas de TV, rádio e jornal. Também será discutida uma política de comunicação externa e interna para a Central. Um profissional da equipe do **Linha Viva** vai participar do seminário.

Imprensa da CUT vai ser debatida

Por outro lado, a esquerda dialética liberta da má consciência determinista do marxismo científico mergulha na modernidade, disputando criticamente seus caminhos. O ônus da superação dogmática foi a perda daqueles pressupostos filosóficos que garantiam previamente a "certeza na frente e a história nas mãos." A noção marxista de progresso inelutável, no qual o proletariado é detentor iminente dos germes da liberdade que iriam brotar nos paradisiacos campos da sociedade comunista, não resistiu às exigências da práxis em nossos dias. Os caminhos da liberdade deverão ser outros.

Mergulhar na modernidade significa, portanto, realizar a justa crítica de nosso tempo e assumir a falta da certeza.

Significa apreender e enfrentar este mundo e lutar para torná-lo o nosso mundo. Buscar um novo sentido do novo que responda aos carecimentos emergentes, incluindo novas formas de sensibilidade e autonomia.



TRIBUNA

livre

Luiz Césare Vieira
Empregado da Celesco

A modernidade e o progresso

Discursos evocando a modernidade tem jorrado na mídia nos últimos tempos. Todos reivindicando a si a direção dos caminhos que levarão o país a formas superiores de sociabilidade.

Cada discurso encerra uma determinada visão de mundo e, portanto, um conceito diferenciado de modernidade.

De um lado, com o inconfundível sabor da demagogia e da retórica, políticos emergentes dos subterrâneos da ditadura, comprometidos com a miséria do existente, desfraldam as bandeiras da modernidade. É a vaga neoliberal renovando seu discurso para perpetuar a hegemonia do velho por outros meios — a maquiagem modernizante.

A modernidade é reduzida aqui a uma acritica noção de progresso, no melhor estilo da eterna utopia às avessas do positivismo, onde o homem é reduzido a mero subproduto da ciência e da tecnologia. A racionalidade é identificada com o agir instrumental, gerando uma realidade exterior totalmente desconectada da interioridade. O caráter diluidor desta visão de mundo manifesta-se em afirmações e procedimentos que suprimem a ideologia, os valores, a subjetividade e a própria capacidade do homem de produzir significações. Relevante neste caso as declarações de integrantes da estrutura do poder que, em nome do tradicional "progresso com justiça social", diluem num mesmo caldo os posicionamentos ideológicos que caracterizam a esquerda e a direita.

A queda do totalitarismo do Leste europeu não é indicativo para o nivelamento ideológico em nome do progresso, como não é para a decretação do fim do movimento socialista.

A relação do homem com a natureza e entre si, deve ser medida por valores que dignifiquem a condição humana. É exatamente neste dever ser onde reside o ponto de inflexão que define um determinado posicionamento perante a vida: ou a acomodação pelo dado, ou uma práxis que amplie os espaços de justiça e liberdade.

Por outro lado, a esquerda dialética liberta da má consciência determinista do marxismo científico mergulha na modernidade, disputando criticamente seus caminhos. O ônus da superação dogmática foi a perda daqueles pressupostos filosóficos que garantiam previamente a "certeza na frente e a história nas mãos." A noção marxista de progresso inelutável, no qual o proletariado é detentor iminente dos germes da liberdade que iriam brotar nos paradisiacos campos da sociedade comunista, não resistiu às exigências da práxis em nossos dias. Os caminhos da liberdade deverão ser outros.

Mergulhar na modernidade significa, portanto, realizar a justa crítica de nosso tempo e assumir a falta da certeza.

Significa apreender e enfrentar este mundo e lutar para torná-lo o nosso mundo. Buscar um novo sentido do novo que responda aos carecimentos emergentes, incluindo novas formas de sensibilidade e autonomia.

A Tribuna Livre é um espaço aberto. As matérias, devem ser remetidas para a redação, assinadas, datilografadas, e nunca com mais de 40 linhas de 70 toques. A publicação ficará a critério dos editores.

Linha Viva é uma publicação semanal da Inter-sindical dos Eletricitários de Santa Catarina que tem 7500 exemplares. Diretor Responsável: Glauco Marques. Editores: Gastão Cassel (DRT-RS 6166) e Rosângela Bion (DRT-SC 1019). Diagramação: Vera Rotta. Ilustração: Franck Maia. Im-

pressão: Gráfica do jornal **O Estado**. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 21. Fpolis-SC. fone: (0482) 22-3866, telex: 481555. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

LINHA alberta

ORGANIZANDO

Escritores querem criar mais espaço

Com a Assembléia realizada no dia 14 de julho, na sede da AESC — Associação dos Escritores Profissionais de Santa Catarina, foi eleita a nova diretoria da entidade. O recém empossado presidente Iaponam Soares, disse que “sem sombra de dúvida a Associação entra em uma nova fase, mas que é necessária a participação efetiva dos escritores para que a entidade consiga marcar presença na comunidade catarinense e conquistar espaços nos meios culturais do estado e mesmo na imprensa.

A AESC tem cerca de 250 filiados, embora tenha contado pouca participação. A nova direção salienta que uma luta fundamental é pela abertura de espaços para escritores novos, estimulando publicações. “Os espaços para a literatura estão se fechando. Antigamente quase todos os jornais tinham suplementos literários semanais, que acabaram sendo substituídos pelos cadernos de variedades, onde a literatura fica diluída e há pouco espaço para circulação de poesias, contos e crônicas”, lamentam os novos diretores da AESC.

VINÍCIUS DE MORAES

Tudo isso, ou quase nada

Dinivaldo Gilloli
Diretor de Cultura do Sinergia

Falar em poesia numa sociedade que costuma questionar as serventias das coisas é, no mínimo, um exercício de ousadia. E Vinícius de Moraes foi um destes poetas que ousou falar do amor que consome as vísceras do peito, ousou ousar o canto do operário em construção. Ousou não ser, simplesmente o rótulo dos amantes, dos bêbados inveterados. Ousou, isto sim, se aproximar da vida, essa senhora recatada.

Dez anos sem Vinícius (1913-1980). De fato é muito difícil esquecer um poeta que ousou, antes de tudo ser gente. No sentido da sua caminhada se via a necessidade de partir para a altura, dada a sua impossibilidade de aceitar a miséria da natureza humana — dizem que os poetas é que são loucos.

Por razões de amor, mas também por razões de circunstâncias de vida, Vinícius foi se aproximando da canção popular. Escreveu esplêndidas letras de músicas e saiu por aí, em companhia de ótimos parceiros (Toquinho, Tom Jobim...), cantando, cantando. Na verdade, cantar, cantar para que nos ouçam, esse é o grande desejo do poeta. Ele fez isso e se transformou no poeta-cantor, “ah, se todos fossem iguais a você”. O poeta desejou que assim fosse: o sublime encontro da poesia e da música; a música completa, a música desnuda o efêmero da vida.

Vinícius amou tanto a poesia que assim a definiu: “um operário parte de um monte de tijolos, sem significação especial senão serem tijolos para — sob a orientação do construtor, que por sua vez segue os cálculos de um engenheiro obediente ao projeto de um arquiteto — levantar a casa. Um monte de tijolos é um monte de tijolos... não existe beleza específica. Mas uma casa pode ser bela, se o projeto de um bom arquiteto tiver a estruturá-lo os cálculos de um bom engenheiro e a vigilância de um bom cons-



trutor no sentido do bom acabamento, por um bom operário, do trabalho de execução. Troquem os tijolos por palavras, ponha-se o poeta, subjetivamente, na quadrupla função de arquiteto, engenheiro, construtor e operário e aí tendes o que é poesia”.

Diante de tudo isso ou quase nada, confesso: “e por falar em saudades, onde anda você?”.

O processo de formação da notícia na TV

Licínio Rios Neto
Jornalista
Matéria cedida pelo IBASE

O conceito de Aldeia Global, formulado por Marshall McLuhan, fornece bem a nova dimensão do universo da notícia: através da parafernália de satélites, redes de micro-ondas, estações transmissoras e receptoras, informações podem circular de forma simultânea, ao vivo, no momento em que acontecem. Nenhuma novidade, bem certo. Novidade é que o poder de persuasão, sedução e influência da TV estimulando consumismos, moldando comportamentos e impondo tendências. Ao engenhoso processo que consiste na captação, elaboração da notícia dá-se o nome de Electronic News Gathering, Complexo ENG ou simples ENG. Não há correlato em português. A coisa funciona mais ou menos assim: por exemplo, para que imagens do grave acidente ferroviário em Osaka, no Japão, cheguem à tela de TV num lar do Crato, no Ceará, é preciso que sejam acionadas cadeias e subcadeias de circulação de informações, envolvendo milhares de pessoas, entre jornalistas e técnicos.

Rezam as teorias de comunicação que, entre fonte emissora de mensagem e fonte receptora, haverá sempre algum tipo de ruído (e entenda-se por ruído qualquer fator espúrio capaz de comprometer a clareza da mensagem). Se, teoricamente, existe ruído entre pessoa que fala e pessoa que ouve, imagine-se então o que poderá acontecer com notícia gerada nos bastidores da Casa da Dinda, captada por mídia eletrônica que se identifica com interesses do governo e elaborada pela mesma mídia. Fatalmente, a notícia será levada ao ar de modo que não fira tais interesses mútuos.

Quando determinada matéria jornalística realizada, por exemplo, em Florianópolis, chega

à redação de um telejornal de rede, no Rio de Janeiro, gerada via satélite, já sofreu várias “interferências”, sempre segundos critérios subjetivos, a saber: a pauta que listou o evento, a reportagem que enviou equipe ao local, o repórter que interpretou a notícia, o cinegrafista que fez as imagens e o editor local que “acondicionou” o material, editado numa fita de videotape. Caberá apenas ao editor de rede, no Rio, a avaliação do material, a necessidade de cortes ou não e, finalmente, sua veiculação ou não no telejornal.

A situação torna-se mais delicada ainda no caso de transmissões de eventos ao vivo, em que o emissor não tem controle direto sobre a mensagem. A TV Globo, por exemplo, não cobre greves e passeatas ao vivo justamente por temer ruídos indesejáveis tais como “o povo não é bobo, abaixo

a Rede Globo.”

Ao limite meramente técnico-eletrônico da notícia, soma-se ainda a questão ética. Se existe uma Ética do cidadão, entendida como Ética de diferentes agentes da notícia, ela nada mais é que Ética da moral e costume vigentes na sociedade; pois é à sociedade como todo — onde se embute a noção de cidadania — que são dirigidas as mensagens jornalísticas. Por isso, não se justifica a existência de éticas patronais, sejam de Roberto Marinho, Adolpho Bloch ou Sílvio Santos. Foi a sociedade que delegou a eles as concessões para exploração de canais de TV.

No mundo das relações capitalistas verticalizadas, em que a descentralização é quase nenhuma, explica-se de alguma forma, embora não se justifique, a impossibilidade de os jornalistas exercerem sua profissão baseados numa ética, que é coletiva e não de grupos ou indivíduos. É preciso hoje que se evite, custe o que custar, a concentração de excessivo poder de informação nas mãos de poucos, através, por exemplo, de mecanismos instauráveis no corpo da lei, como a legislação antitruste que permite concorrência mais civilizada, menos selvagem, como há nos Estados Unidos. No Brasil, a Globo — com TVs, jornais, revistas e editoras — é um quase oligopólio cuja característica básica reside no abuso de poder econômico.

Finalmente, a manipulação é auxiliada pela teoria segundo a qual a massa de espectadores vê o veículo, o objeto TV, e não programas. Num país de semi-analfabetos como o Brasil, a TV funciona com o mesmo espírito dos antigos mistérios medievais: muita pirotecnia para mensagens simples, dotadas, todavia, de morais mais sofisticadas que meras dicotomias entre Bem e Mal. Precisamos sentir cheiros, farejar as manipulações no ar, no mesmo ar onde são veiculadas as mensagens.

